



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO

CRISNEIVE PEREIRA DA SILVEIRA

O JOGO ALÉM DA BOLA - HISTÓRIAS DE MULHERES NO FUTEBOL
CEARENSE

FORTALEZA
2020

CRISNEIVE PEREIRA DA SILVEIRA

**O JOGO ALÉM DA BOLA - HISTÓRIAS DE MULHERES NO FUTEBOL
CEARENSE**

Relatório apresentado ao Curso de
Jornalismo da Universidade Federal do
Ceará como requisito para a obtenção do
grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Kamila Fernandes.

FORTALEZA

2020

CRISNEIVE PEREIRA DA SILVEIRA

**O JOGO ALÉM DA BOLA - HISTÓRIAS DE MULHERES NO FUTEBOL
CEARENSE**

Este relatório foi submetido ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel. A citação de qualquer trecho deste relatório é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica. Relatório apresentado à Banca Examinadora:

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Kamila Bossato Fernandes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará

Profa. Ms. Eugênia Melo Cabral (Membro)
Universidade Federal do Ceará

Profa. Dra. Maria Gislene Carvalho Fonseca (Membro)
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Thaís Jorge de Freitas (Membro)
Bacharel em Jornalismo

FORTALEZA

2020

AGRADECIMENTOS

Em *O Olho da Rua*, Eliane Brum diz “Contar é resistir”. O caminhar para a concepção de *O Jogo Além da Bola - Histórias de Mulheres no Futebol Cearense* foi bem isso. As dificuldades em garimpar e encontrar cada personagem, além de debates e apreensões, do processo criativo até a finalização, foi cercada de um time a quem deixo imensa gratidão.

À Kamila Fernandes, minha orientadora. Pela acolhida tanto como aluna quanto ser humano. Agradeço a paciência, o incentivo, por ajudar a dar contornos reais a ideia, e a me desafiar como repórter. Pelos momentos em que você acreditou mais em mim do que eu mesma. Por partilhar tanto conhecimento e ajudar a enxergar com sensibilidade.

À Secretaria de Esportes e Lazer de Fortaleza (Secel), na pessoa do secretário Ciro Thiago Dias Lima, pelas informações sobre o estádio Presidente Vargas. Ao senhor José Arimateia Fernandes, administrador do local, e ao Rennedy Nogueira Castro, gerente administrativo, pela receptividade, por abrir os portões do local e permitir a realização das entrevistas lá, bem como meu acesso e do fotógrafo, quando necessário, além de indicar nomes.

Aos jornalistas Brenno Rebouças, do *O Povo*, Lucca Laprovitera, do portal Bora Leão, e Aflaudisio Dantas, do jornal *O Otimista*. À Arianna Batista, companheira de universidade, ao secretário do curso de Engenharia de Alimentos da UFC, José Pereira da Silva Filho, às assessorias de clubes e a todas as outras cerca de 60 pessoas com quem conversei em busca de personagens, contatos e outras informações.

Ao meu amigo e grande fotógrafo Stephan Eilert que, desde quando o livro era uma ideia nebulosa, se dispôs a me acompanhar nessa jornada, mesmo com tanto trabalho. A contribuição dele foi imprescindível na busca por registrar em imagens a profundidade dessas mulheres.

À Dona Lourdes, Cristiane, Neide, Fabíola, Antonieta, Inês, Fátima, Janaína, Diana, Luana e Mabel pela confiança depositada em mim, para contar um pouco das vivências delas com o futebol, e além até. Foi um privilégio escrever sobre o quão incrível cada uma é. Vocês me presentearam com grandes histórias e humanidade.

Notas de admiração, amor e luta

Entrar na Universidade Federal do Ceará (UFC) nunca foi apenas estar num dos espaços mais relevantes do conhecimento no país. Para quem sai de cidade interiorana, no meu caso, Cascavel, vinda de uma escola conhecida por ninguém, é algo incrível. E digo isso ciente dos meus privilégios. Ao longo dessa caminhada, pessoas e experiências contribuíram para moldar a mulher e a profissional na qual me tornei - certa do aprendizado contínuo.

Nada seria possível sem o cuidado e a persistência da minha mãe, Nereide, em criar as filhas. Ela é o meu maior exemplo de humanidade e amor no mundo. A pessoa para quem eu trazia uma mochila de saudade, todo fim de semana. Quem brincou comigo sobre descobrir palavras no dicionário, incentivou a gostar de esporte e quis ler Eliane Brum, para entender melhor sobre livro-reportagem. E minha irmã, Crislane. Quando não pude estar junto à família, pela distância e plantões, a caçula se desdobrou. Ela é meu espelho de determinação, sensibilidade e disciplina. Durante o café, nós três falamos sobre os meus dilemas na produção do Jogo Além da Bola. Mesmo sem compreender os meandros da prática jornalística, elas estiveram comigo. Amo vocês.

Na UFC, encontrei amigos com quem dividi lutas, dores e alegrias. Do movimento estudantil, Robson Bandeira, Nayara Asano, Gerardo Milton e Thiago Matos. Obrigada por sempre estarem perto, por encherem minha rotina de alegria. Tamires Oliveira, Rômulo Carneiro, Renan Dantas e Jakeline Farias, vocês também moram no meu coração.

Na *Safaturma #ELENÃO*. ganhei mais que colegas de sala, e sim incríveis companheiros de aprendizado e sonhos. Lá, conheci Didio, Erick, Rodrigo, Lucas e Messias, e juntos nos aventuramos a cobrir esporte universitário, criando a Unisports, e o Programa 5 Toques, na Universitária FM.

Estendo o abraço fraterno ao professor Nonato Lima, diretor do veículo, por acreditar no projeto e propiciar tantas experiências importantes a nossa formação, e ao Wildner Lins, Coordenador de Atividades Desportivas da UFC, por me permitir ser a primeira bolsista da Comunicação ali.

Da redação, os dois editores com os quais trabalhei: Roberto Leite, na Verdes Mares, e Rafael Luís Azevedo, na Jangadeiro. A eles, gratidão por acreditarem

em mim como repórter e por dividirem a larga experiência na área. Decerto, me tornei melhor profissional ouvindo os conselhos dos dois.

À Jéssica Welma e Alanio Pereira, gratidão pela companhia nos almoços e por ouvirem os dilemas sobre textos e a profissão. À Karol Albuquerque e Smack Neto, amigos de Pernambuco e Alagoas, mas sinceramente próximos.

Às queridas Lena Sena, Tatiana Alencar, Viviane Sobral, Cinthia Freitas, Wányffer Monteiro... Só mulherão da porra! Agradeço por toda força e carinho, pela inspiração que cada uma é pra mim. Igualmente à Verônica Prado, sempre cheia de carinho e cuidado.

À Thaís Jorge e Juscelino Filho, por terem segurado minhas mãos, um de cada lado, no meu desenvolvimento profissional. Sou grata pela generosidade e paciência, pelas reflexões, por incentivarem a criatividade, sempre com humildade e retidão. Tive sorte em começar no mercado de trabalho cercada pela amizade e exemplo de vocês.

Nos corredores da universidade, pude compreender a importância do ser-cidadã e da pluralidade. Experimentei os mais diversos espaços, desenvolvi o profissional e me descobri agente atuante numa coletividade. Todas as professoras e professores foram essenciais nisso. Bem como todes que formam essa Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade. Que a luta pela democracia nesses espaços (e além) não esmoreça. Obrigada por tanto, UFC! Minha missão agora é ir para o mundo devolver, de alguma forma, tudo que aprendi.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. OBJETIVOS.....	7
2.1 Geral	7
2.2 Específicos.....	7
3. CONTEXTO	8
4. ESCOLHA DO FORMATO	10
5. PROCESSO CRIATIVO.....	14
6. CONSTRUÇÃO DO LIVRO	18
7. EMBALAGEM	21
8. CONCLUSÃO.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

1. INTRODUÇÃO

“Mulher e futebol” é um tema cada vez mais em evidência, sobretudo com a exposição de casos de machismo, misoginia, assédio dentre outras violências sofridas pelo gênero. Há mais de 100 anos no Brasil, os responsáveis pelo esporte, além de clubes, imprensa e a própria sociedade, caminharam pouco no reconhecimento do papel feminino na evolução da categoria, seja na prática ou no imaginário popular. *O Jogo Além da Bola - Histórias de mulheres no futebol cearense* busca acrescentar mais um tijolo na construção dessa memória, resgatando 11 dessas vozes, às vezes oprimidas e, muitas outras, ignoradas, e abrir discussões sobre o futuro.

Esse time de personagens divide experiências de vida costuradas pela bola. Histórias de bastidores, perspectivas diversas do contexto futebolístico, permeadas pelas experiências de cada uma - com dores, alegrias, preconceitos e persistência. Elas não são invisíveis. A seu modo, sempre estiveram lá, apesar do constante sufocamento da sociedade brasileira que, ainda em 2020, não aceita a simples presença da mulher no futebol - seja no campo ou fora dele.

A escolha nasceu de uma experiência pessoal. Diagnosticada com Transtorno de Estresse Pós-Traumático, com episódios de crise de Ansiedade e de Pânico, após dois episódios de violência, um deles de assédio em 2018, pensei ser hora de avançar no tratamento psicológico. Eu estava pronta a dar o próximo passo: o de me reconhecer novamente nos espaços. Essa reaproximação passava por resgatar meus afetos neles. Assim voltei ao estádio Presidente Vargas, cenário deste trabalho.

Criada na cidade de Cascavel, a 60 km de Fortaleza, meu contato com o esporte construiu-se pela televisão. Dali, vi ídolos. Deslocar-me até a capital para um jogo era algo inviável. Meu pai sequer cogitou isso, minha mãe e irmã, assim como eu, sempre tiveram medo da violência exibida nas arquibancadas. Portanto, o PV foi a primeira grande praça esportiva onde assisti um jogo... E foi de futebol americano! Era uma pauta, ainda no primeiro estágio, no portal ge.globo/ce, em 2015. Fiquei encantada. Lá, participei de outras coberturas e guardo todas com carinho. Aquele espaço parecia um bom lugar para tentar esse recomeço. Então, passei a me perguntar: quais mulheres fizeram ou fazem parte daquele lugar? Porque lembro apenas de uma ou outra? Marilena Lima, a moça do *streap-tease*, o show da Xuxa...

Beirando os 80 anos, certamente haveria algo mais a ser extraído dali. Era hora de conhecer melhor quem, de fato, dá cor àquele local.

Puxado o fio da meada através de pesquisas e entrevistas, aos poucos, elas apareceram. Cristiane e Neide na limpeza, Fabíola gerenciando os bares e Antonieta atuante no juizado de menores. Inês, Fátima, Janaína, Luana e Mabel na arquibancada. Diana representando no apito. Todas com histórias de coragem, resiliência, determinação e maneiras diferentes de enxergar o jogo nas quatro linhas. A pluralidade de relatos mostra como o futebol atua além do gramado. Algumas tão ignoradas, que o sentimento é de invisibilidade. Por isso, o processo para encontrá-las foi árduo.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

O principal objetivo da produção de *O Jogo Além da Bola - Histórias de Mulheres no Futebol Cearense* é revelar o quanto o feminino participa na construção desse esporte no estado, mergulhando na vida de personagens aparentemente comuns aos olhos da sociedade, da imprensa e de quem administra a modalidade.

2.2 Específicos

- Tornar visível e mostrar a importância do trabalho e da participação das mulheres no futebol cearense, no estádio mais antigo do Ceará;
- Trazer à tona as histórias dessas mulheres, de maneira aprofundada, a fim de revelar a relação delas com a modalidade;
- Expor bastidores do passado e do presente no futebol cearense pela perspectiva de cada uma das personagens;
- Sensibilizar o olhar da sociedade quanto às questões de opressão, machismo, misoginia, lgbtfobia (e tantas outras) dentro do esporte que precisam ser debatidas;

- Reforçar - por meio das histórias de vida - a necessidade de um Jornalismo (em especial o esportivo) que busque enxergar o 'além das quatro linhas' e contribua para as discussões das problemáticas sociais também refletidas em campo.

3. CONTEXTO

De 1941, época do Estado Novo no Brasil governado por Getúlio Vargas, o decreto-lei 3.199, dispôs o seguinte no Artigo 54: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este feito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941). Meses depois, na cidade de Fortaleza, em 14* de setembro, seria inaugurado no bairro Benfica o estádio em homenagem ao então presidente.

Mesmo com a revogação da norma em 1979, a prática de futebol entre mulheres foi regulamentada somente em 1983. Esse vácuo de quatro décadas proibiu não só a prática das mulheres como escanteou a figura feminina no contexto da modalidade como um todo.

Mais do que buscar um suposto marco inaugural da atuação de mulheres futebolistas, interessa enfatizar o quanto sua presença foi ignorada. Uma coisa é certa: nas décadas iniciais do século XX, o futebol não era um esporte considerado adequado às mulheres. As representações normalizadas de gênero vigentes naquele período limitavam tanto a sua circulação no espaço público quanto os usos de seus corpos. Protagonizar o futebol era considerado uma ameaça, um disparate, algo que não poderia se popularizar e, por isso, foi oficialmente proibido por quase quarenta anos. (GOELLNER, 2020).

Afinal, o esporte é uma construção social envolta por diversas personagens, muitas “invisíveis”, como diversas mulheres. Esse “apagamento” da figura feminina dos estádios e do entorno deles, envolve preconceito, machismo, misoginia, transfobia e diversas outras questões, reflexos de um povo, inclusive o brasileiro. Logo,

O futebol seria assim um espaço onde a sociedade simbolicamente se expressa, manifesta-se, deixando descobrir-se. “O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto descobrir” (DA MATTA, 1982, p. 21 *apud* RINALDI, 2000, p. 168).

O livro PV: Biografia de Uma Paixão - Corpo, Alma e Coração do Estádio Presidente Vargas, lançado em comemoração aos 70 anos da fundação e obra de referência sobre o tema, traz uma radiografia do primeiro estádio do Ceará*. Dentre os temas abordados, alguns personagens que viveram o lugar, como: jornalistas, jogadores, torcedores e comerciantes da área*. Nessa lista, há poucos indícios sobre a presença das mulheres naquele espaço. Uma página dedicada a Rozileide, a moça do *streak tease*, outra para um evento sobre cultura hispânica organizado por uma professora, um bloco de texto sobre dona de bar nas proximidades... entre outras.

Somado a isso, a restrita cobertura do noticiário dada não só ao futebol feminino, como também a tantas figuras do gênero formadas à sombra do imaginário popular, tão igualmente fundamentais na construção da identidade do esporte nacional, inclusive no Ceará. Dessa forma, é importante compreender as relações construídas como algo mais amplo, tal qual explica Marcelo Cedro (2014, p.23):

Percebe-se então o futebol como um campo, cuja especialização de seus agentes ingressa objetivamente na disputa pela dominação e produção de bens simbólicos. Bourdieu (2007) expressa que cada campo possui um mercado de trocas simbólicas por meio de investimentos, ganhos, estratégias, ofertas, procuras e monopólios. O campo futebolístico produz símbolos próprios que são dotados de valor e de autoridade internas. A produção e reprodução de crenças sustentam disputas e interesses entre agentes e instituições que se espelham em relações de força entre grupos e classes.

Entendendo o campo de futebol como esse espaço de relações amplificáveis, bem como a própria identificação com as regras estabelecidas do esporte, decidi pelo número de 11 mulheres entrevistadas neste livro-reportagem. Atuantes nas mais diversas posições, das relações mais estreitas àquelas marginalizadas e outras indiferentes.

Diante de um meio ainda tão masculinizado, é importante identificar, conhecer e ouvir quais figuras femininas também compõem esse cenário, mesmo quando ausentes e invisibilizadas. Nesse meandro, as mulheres são agredidas e excluídas, como se o futebol fosse um espaço à parte das práticas sociais aceitáveis, onde se permite alguns tipos de desrespeito.

A subjetividade encontrada no imaginário coletivo acerca do futebol circula de uma forma muito estreita entre a lei e a transgressão, "malandragem", vista como uma possibilidade que se diferencia da rotina diária de grande parte da população, cria uma contradição entre o formal e não formal. (RINALDI, 2000, p. 168).

É importante ressaltar, ainda, a discussão sobre gênero e a relação de poder exercida em coletividade, que perpassa não somente pela questão biológica, mas por fatores de contexto social.

Ou seja, dentro deste trabalho de criação, afirmação e negação de identidades, a identidade sexual joga um papel crucial - muitas vezes até maior do que as identidades sociais, comunitárias, profissionais. Ter claro quem é homem ou mulher, em posição binária, oposta, excludente e geralmente em hierarquia vertical parece tranquilizar a alma humana, colocar ordem e segurança neste contexto identitário. E esta suposta clareza sempre é proveniente do corpo, matriz da socialização e da construção de identidades sexuais, sem se dar conta que o próprio corpo não é somente natural ou biológico, mas um elemento que no humano passa também por toda uma construção social, sendo assim usado, vestido e travestido de forma diversa em culturas diferentes. (KNIJNIK, 2006, p.15).

Para Knijnik (2006, p.21-22), as lutas feministas tiveram e têm um papel fundamental no resgate e fortalecimento da identidade das mulheres nos espaços - em diferentes âmbitos, como no núcleo familiar, de relacionamentos, no trabalho, na economia e no lazer, e foi uma das maiores revoluções do século XX.

Na verdade, o grande objetivo era dar visibilidade à presença da mulher na história, nos diversos campos sociais, rompendo e quebrando a idéia que a esfera feminina era a do lar, a esfera privada. Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tiveram como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito - inclusive como sujeito da Ciência. (LOURO, 1997, p.17 *apud* KNIJNIK, 2006, p.23).

O intuito deste trabalho é jogar mais luz sobre as entranhas do futebol como manifestação cultural e reflexo da sociedade, para tentar enxergar nas nuances dele as atuações das mulheres, especialmente no contexto do estádio e de adjacências, mostrando o quanto o papel delas extrapola o convencional e não está ligado à questão biológica, discurso pregado em lei desde o Estado Novo (1937-1945).

4. ESCOLHA DO FORMATO

Desde criança, mamãe encontra papel e caneta embaixo da minha cama. Um hábito repetido ainda hoje, adulta. Se alguém abrir qualquer bolsa minha não terá dificuldade para encontrar o rascunho de uma ideia, frase e até trecho de música...Escrever é um jeito de me encontrar, poetizar e questionar o mundo. Não por

acaso, antes de enveredar pelo Jornalismo, quase me formei em Letras. Carrego comigo o apreço pela prática e pela literatura.

Porém, o entendimento da importância em compartilhar histórias veio com a percepção do que é a reportagem, durante a graduação em Jornalismo. Houve o fascínio em aprender a pensar a pauta, a produção, a escrita, a edição e, especialmente, o (constante) exercício do olhar sobre o cotidiano repleto de histórias aparentemente comuns e particularmente incríveis em suas singularidades. Em entrevista a Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 23), Cremilda Medina diz:

A reportagem é a forma de maior aprofundamento possível da informação social e, por outro lado, é aquela que responde melhor às aspirações de uma democracia contemporânea, com toda a plenitude até mesmo da utopia, o socialismo, ou dentro da modernização capitalista. Pois é justamente a pluralidade de vozes e a pluralidade de significados sobre o imediato e o real que fazem com que a reportagem se torne um instrumento de expansão e instrumentação plena da democracia, uma vez que a democracia é polifônica e polissêmica.

Na Universidade, a minha primeira experiência com texto jornalístico voltado ao esporte foi como bolsista voluntária na CAD (Coordenadoria de Atividades Desportivas) da UFC, na Quadra do CEU, no Centro de Humanidades. Era responsável por alimentar o *blog* com notícias dos eventos e jogos. Depois, veio a experiência na Rádio Universitária com o programa 5 Toques, paralelo à Agência Unisports. Criada por mim e outros cinco amigos, o espaço era voltado à cobertura do desporto universitário no estado, em portal próprio. Com visibilidade quase nula na grande mídia, trabalhar neste nicho tornou-se desbravador como repórter em formação. Tenho orgulho em lembrar do prêmio regional da Expocom 2015, como Agência Júnior.

Esse trabalho abriu portas para o estágio no site do Globo Esporte CE. Lá, exercitei variados tipos de texto, da notícia à reportagem, passando pelo opinativo, todos, obviamente, voltados à editoria. Pude compreender o quanto a escrita pode chegar mais próxima ao real e ainda transformar-se para transmitir as informações - fosse por meio de recursos multimídia ou até em começar a narrativa com verso de uma canção. Ali, pude aprimorar a criatividade no jornalismo.

Mais tarde, no portal Tribuna do Ceará, atualmente Jornal Jangadeiro, trabalhei no Cotidiano. Escrevi sobre Educação, Ciência, buraco de chuva, acidente de trânsito, ataques a ônibus e outras tantas violências, diversas contra mulheres. Essa rotina trouxe a visão de uma Fortaleza e de um Ceará que eu sabia existir, mas

parecia distante por não me atravessar diretamente. Ampliei a visão de mundo, certamente, e passei a fazer outros questionamentos. As vivências nessas redações me fizeram enxergar pautas voltadas ao desporto onde nem imaginava e, certamente, me fizeram olhar O Jogo Além da Bola.

Unindo-se a esse conjunto de fatores, decidi produzir este Trabalho de Conclusão de Curso em formato de livro-reportagem não somente pela familiaridade com o formato base - o da escrita - mas por compreender que

Contar histórias reais envolve necessariamente colocar o ser humano em primeiro plano. A humanização é outra marca distinta do jornalismo literário que cai bem com o livro-reportagem. Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontrarmos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos. Queremos antes de tudo descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações. Precisamos lançar um olhar de identificação e projeção humana da nossa própria condição nos nossos semelhantes, sejam celebridades ou pessoas do cotidiano. Queremos também conhecer pessoas inusitadas [...] (LIMA, 2009, p. 359).

De forma sucinta, o livro-reportagem

[...] é, sem dúvida, o resultado mais latente da união entre jornalismo e literatura. Um romance que busca uma linguagem aprofundada, cujo objetivo reside em intensificar a utilização de elementos narrativos para estruturar seu relato. É assim, um subsistema híbrido, que incorpora procedentes operacionais do jornalismo – pauta, temática, redação e edição – com condicionamentos literários e editoriais – elementos narrativos, mercado, público, esquemas de distribuição (cf. LIMA, 1995, p.36 *apud* OLIVEIRA, 2006, p.5).

Em busca de ampliar a perspectiva trazida pelo noticiário habitual do esporte local, permeado por notícias sobre jogos e os resultados deles, atores sempre presentes como os atletas, técnicos e, uma vez ou outra, algum personagem “curioso” e, em menor escala, o aparecimento da modalidade feminina, procuro trazer profundidade através deste formato de produto, chamado por Edvaldo Pereira Lima (2009) de “subsistema por incorporar elementos precedentes do jornalismo”.

Lançar um olhar mais atento à humanidade presente nessa editoria de esportes é sair da cômoda trave onde as perspectivas costumeiramente esbarram. No entanto, é importante lembrar que a editoria também é atingida pela rotina intensa de produção e pouco pessoal - às vezes, é difícil dar conta do básico. Nesse cenário, as histórias de vida - apesar de trazerem o passado e o presente - desenharam uma perspectiva do futuro, de modo geral. O artifício

[...] também é utilizado pelo livro-reportagem, aparecendo em forma clássica de entrevista -- com a reprodução do diálogo entre o entrevistador e o entrevistado -- ou como depoimento direto, ou ainda numa mescla em que se combinam essas modalidades de apresentação com narrativa em primeira ou terceira pessoa. Nem sempre aparecem acompanhadas de observação participante. Mas manifestam-se nas diferentes versões nos diferentes modelos reconhecidos. (LIMA, 2009, p. 114-115).

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, elas (as entrevistas) também são instrumentos de registros de uma História pouco (ou nem) conhecida do esporte, assim como trazem elementos para alimentar discussões contemporâneas maiores, como o protagonismo da mulher na sociedade. Isso por compreender a memória “como resgate de riquezas psicológicas e sociais” desses conflitos (LIMA, 2009, p. 127).

O modelo escolhido para o Trabalho permite ampla experimentação em busca de apreender os fatos e aproximar essa realidade através da variação de escrita do texto literário combinado às práticas de jornalismo. Ensaando meios para ampliar o alcance dele, procurei dinamizar a produção com reportagens de depoimentos em primeira pessoa, também na perspectiva de carta para si própria, bastante visto na Revista *The Player's Tribune*, outra com adaptação inicial em formato de roteiro fílmico, além da tradicional Jornada do Herói descrita por Joseph Campbell.

A voz autoral significa que o leitor aceita a diversidade que marca as diferenças entre os autores. Jornalismo literário não é um modelo narrativo de textos iguais. Os princípios básicos - como os que estão sendo apontados nesse texto - são os mesmos e o elenco de técnicas narrativas é único. Mas o modo de combinação desses elementos é exclusivo de cada autor. Essa diversidade é o que torna interessante para o leitor. Espera-se que o autor assuma sua postura própria, individual, que tenha uma marca pessoal diante da realidade, sua assinatura diante da vida... Espera que essa voz autoral traduza-se num estilo próprio, um modo também único de combinar os elementos da narrativa. (LIMA, 2009, p. 371).

Embora traga como pano de fundo um estádio, fale de jogo, atletas, times, é a intimidade da vida de cada uma e como se relacionam com esses elementos que desenham a importância do futebol nas experiências delas. Logo, este livro-reportagem é essencialmente de perfis que representam, “por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão.” (LIMA, 2009, p.52).

No entanto, traz elementos do livro-reportagem-depoimento, como recontar “um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma

testemunha privilegiada. [...] o tom é passar ao leitor uma narrativa quente, com bastante clima de bastidores [...]” (LIMA, 2009, p. 52).

Assim como do livro-reportagem-atualidade, definido por Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 56) como aquele que:

[...] seleciona os temas atuais dotados de maior perenidade no tempo, mais cujos desdobramentos finais ainda não são conhecidos. Assim, permite ao leitor resgatar origens do que ocorre, seu contorno do presente, as tendências possíveis do seu desfecho no futuro. Facilita a identificação das forças de conflito que poderão determinar o desfecho. Faz o leitor acompanhar, com maior profundidade de conhecimento, uma ocorrência de maior magnitude que esteja em progresso.

5. PROCESSO CRIATIVO

Durante toda a graduação, procurei direcionar os trabalhos para temas esportivos. Antes de decidir trabalhar com um objeto que envolvesse mulheres e o PV, minha prioridade era, sem surpresas, o desporto universitário. Sigo pensando que o assunto é interessante, mas as urgências eram outras. Após as experiências em redação e as questões pessoais já citadas, mudei. Ainda sem saber exatamente quais histórias contaria, porque eu tinha poucas referências da presença feminina no lugar.

Como repórter esportiva, e tendo participado de diversas coberturas no próprio estádio entre 2015 e 2017, no início de 2019 passei a me perguntar quais outras profissionais, torcedoras, demais mulheres atuavam ou haviam atuado naquele espaço. A memória me levou a algumas figuras famosas outras não, “conhecidas” pelo livro do PV. Por lá, encontrei alguns indícios para protagonistas e percebi ausências.

Ao propor um jornalismo de subjetividade, incitamos uma subversão dos modos de objetivação jornalística, capaz de implodir o racismo/sexismo/classismo epistêmico na qual também se baseia. Nesta perspectiva, subjetivo e objetivo não se excluem, mas, antes de tudo, se complementam, apesar da maior legitimidade social conferida ao último. Desta forma, é preciso dizer que a subjetividade sobre a qual nos referimos neste jornalismo se situa em questões extremamente pertinentes e presentes no mundo sensível: na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais e grupais dos jornalistas e daqueles que por estes são enquadrados; na obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social circundante (em nosso caso, a brasileira, fraturada pelo classismo, pelo machismo e pelo racismo); na procura de um olhar miúdo para entender como essas questões se traduzem nas pessoas, em como são devolvidas ao mundo; na fissura de representações previamente dadas (ou fatos previamente dados); finalmente, em uma autocrítica do próprio campo assentado em bases positivistas e também que privilegia narrar a partir de um enquadramento espetacular e/ou exotificante. (MORAES, 2020, p.12).

Sem dúvida, a parte mais difícil do processo foi a procura pelas personagens. Ao definir o número 11, como o time que entra em campo, abracei também o enorme desafio de garimpar esses nomes. E a dificuldade não é por inexistirem, mas porque sequer eram vistos ou falados. Busquei definir perfis da maneira mais plural possível, mesmo sem saber exatamente o que e se encontraria algo de acordo. Muitos não deram certo.

Após procurar informações no livro referência sobre os 70 anos do estádio, recorri ao arquivo do Diário do Nordeste, em fevereiro de 2019. Importante lembrar a falta de acesso aos arquivos do Jornal O Povo, o mais antigo do estado. Pois bem, somente três edições de jornal traziam as palavras: mulher, estádio, futebol, Presidente Vargas, time, Ceará, Fortaleza, Ferroviário (nem todas juntas, mas sempre alguma combinada a outra) foram encontradas. Uma delas foi a primeira árbitra a apitar futebol oficialmente no estado: a **Diana**. Através da Arianna e do Pereira, ex-aluna e secretário do curso de Engenharia de Alimentos da UFC, respectivamente, mobilizaram os contatos e nos encontramos em setembro de 2019.

Paralelo a isso, mantive conversas com jornalistas dos principais jornais e portais da editoria e outros, pessoal da Federação Cearense de Futebol (FCF) e arbitragem, assessorias de Fortaleza, Ceará, Ferroviário e Atlético, Portal do Museu do Futebol, Arquivo Nirez, Beth Fontenele filha do escritor e pesquisador Airton Fontenele, bem como torcidas organizadas, conhecidos torcedores e funcionários do PV. Além de internet e pesquisa na Biblioteca Nacional, ao todo, até onde contei, recorri a pelo menos 60 pessoas para chegar a nomes e contatos durante todo o processo.

Perguntei ao gerente administrativo, Rennedy, sobre mulheres trabalhando no local. Ele informou apenas duas: **Cristiane e Neide**, as funcionárias de serviços gerais. Foram fáceis de encontrar e marcar a conversa, obviamente. Após uma pré-entrevista, o papo ocorreu na semana seguinte, no gramado do estádio. Considerei importante relatar as histórias delas separadamente, respeitando as singularidades e as trajetórias.

A dupla me deu os nomes de **Fabíola**, a responsável pelos bares, e de **Dona Lourdes**, a vendedora de churrasquinho, na calçada. Nesta última, sem contato telefônico, precisei de sorte e - não diferente das outras - persistência. Estive três vezes no estádio para tentar encontrá-la. Aparecia em grandes jogos, mas o PV pouco recebia partidas, menos ainda as de grande apelo -- Papeamos na calçada, às 14

horas, antes do movimento de torcida aumentar. Foi a conversa mais difícil porque a minha presença ali parecia ameaçadora ao ritual de uso do espaço pelos ambulantes, embora eu estivesse num lugar público e atuando nos limites da banquinha da personagem. Eu estava acompanhada de um amigo, Alanio Pereira, e mesmo assim ainda fomos intimidadas. Por sugestão da orientadora, resolvi deixar isso claro no texto como mais uma experimentação da opressão vivida pelas mulheres nesse ambiente esportivo.

Através do jornalista Brenno Rebouças, do O Povo, cheguei ao nome de **Antonieta**, funcionária do juizado de menores. O torcedor do Fortaleza e jornalista do Bora Leão, Lucca Laprovitera, indicou **Fátima**. Nosso diálogo foi na própria sala dela, no Pici, sede do Tricolor. A assessoria do Ceará apontou **Inês**. Ela me recebeu em casa, no bairro Rodolfo Teófilo. As duas, torcedoras antigas de arquibancada, mantêm ligação estreita com os clubes. No Instagram, encontrei o Torcedoras Raiz, grupo de mulheres organizadas para ir aos jogos do Alvinegro, presidido por **Janaína**.

Por último, **Luana e Mabel**, indicadas pelo também colega Aflaudísio Dantas, do Jornal O Otimista. Elas, mulheres trans. No país que mais mata transexuais e transgêneros no mundo, essa população sofre um nível maior de exclusão no meio futebolístico. A orientadora reforçou a importância de trazer mais essa pluralidade ao livro-reportagem. Por conta da pandemia, nos falamos via *Jitsi Meet*, em setembro de 2020.

As outras foram ouvidas nas arquibancadas do próprio estádio ou numa caminhada por ele. Considerei importante - quando possível - convidar as protagonistas ao local, a fim de despertar memórias e sentimentos sobre o ambiente. A administração do estádio permitiu livre circulação pelos espaços, exceto a sala onde as funcionárias por vezes dormem. Ao todo, visitei o local 12 vezes. No geral, pude observar mais a rotina de Dona Lourdes, Cristiane, Neide, Fátima e Inês.

As conversas duraram entre 40 minutos e 1h10 min. Todas foram previamente discutidas com a orientadora. O tempo de procura e entrevista ficou entre duas semanas e sete meses. A maioria com espaçamento de 60 dias, por questão de agenda e disponibilidade das mesmas ou quaisquer outros fatores impossíveis de determinar. Para cada uma que deu certo, outras duas ou três não funcionaram. Por sequer ter identificado alguém, por ter identificado e não ter conseguido encontrá-la ou por achá-la, mas a entrevistada ter desistido, se recusado ou algum outro motivo que impediu novo contato.

Em cinco delas (Antonieta, Janaína, Cristiane, Neide e Inês), o meu amigo e fotógrafo profissional, Stephan Eilert, esteve gentilmente comigo para fazer as imagens. Por compromissos profissionais, não foi possível acompanhar-me nos outros momentos. Assim, eu mesma registrei as demais via celular, inclusive para evitar adiar os encontros. Nas personagens do online, usei de arquivo pessoal cedidas por elas. Desse modo, se explica a perceptível diferença na qualidade de imagens que abrem os capítulos do livro. Isso deve afetar a qualidade do produto final.

Contar histórias de pessoas inseridas em realidades sociais, econômicas e tantas outras vivências e experiências de mundo diferentes, exigiu tato na aproximação e na condução. Encontrei a maioria pela primeira vez somente no dia marcado. Algum contato via WhatsApp mostrava um pouco da personalidade, até onde eu poderia ir nas perguntas... Tentei ao máximo fazer da entrevista uma conversa. Essa possibilidade de apreender, enquanto observadora daquela realidade, funcionou bem - considerando as questões íntimas e visões de mundo reveladas. No entanto, gostaria de ter aprofundado mais esse contato.

Todas as entrevistas foram previamente roteirizadas, com padrão de perguntas, mas passíveis de adequação ao ritmo da conversa, das situações expostas e de ambiente - *in loco* ou virtual. Outras tantas surgiram no momento, outras sequer foram feitas. Algumas básicas: De início, pedi que se apresentassem livremente. Daí partia para a família, a rotina, inclusive de trabalho, e as primeiras ligações com o futebol e/ou com o esporte em geral, entrando na relação com o PV. Em seguida, questões mais diretas sobre feminismo e/ou sobre situações de opressão e preconceito vividas ou das quais foram testemunhas seja no trabalho, na vida pessoal ou no estádio...

Todas essas histórias, em algum nível, me atravessaram como ser humano e mulher. Certamente, um dos maiores exercícios nesse processo foi ouvir, perguntar e buscar compreender sem julgamentos, embora isso seja algo inerente ao ser humano. Anotei minhas percepções sobre elas e o que havia escutado. Com isso, refleti sobre a importância de se distanciar em dado momento e enxergar o contexto, tentar compreender que por trás de toda fala há camadas de culturas e vivências justificando traços de personalidade, de discursos e de escolhas. A meu ver, isso fica perceptível nos textos.

A leitura de *A Vida que Ninguém Vê*, da escritora Eliane Brum, trouxe o tom do título deste livro-reportagem. Enxerguei nele a essência do que procurei fazer aqui:

jogar holofote sobre o que pouco olhamos de verdade. Afinal, a realidade - entre banalidades e surpresas - não é tão rasa e simples quanto pode parecer. *O Jogo Além da Bola - Histórias de Mulheres no futebol cearense* traduz bem isso. Na direção de ampliar o protagonismo delas, houve consenso entre mim e a orientadora quanto à importância do nome de todas aparecerem nos títulos, embora não necessariamente atreladas a referências diretas ao desporto.

6. CONSTRUÇÃO DO LIVRO

Para o **roteiro**, tratando-se de um time, havia a ideia inicial de dividir este livro-reportagem por sessões com algo como Bastidores, Arquibancada e Campo ou Defesa, Meio-de-campo e Ataque. Mas isso não se confirmou por uma questão lógica: o movimento. Em diálogo com a orientadora, decidimos não impor esse tipo de divisão, considerando a fluidez das personagens pelos espaços do estádio, inclusive o fato de algumas não se aproximarem tanto dele.

Também existe uma zona de “sombra”, onde circulam especialmente aquelas trabalhadoras dos bastidores. Esses ambientes se integram e se confundem como ambientes de atuação profissional e de sobrevivência, isso pode ser observado nas histórias. Desse modo, considerei que o leitor pode fazer uma caminhada mais fiel pela história delas e pelos meandros do PV acompanhando as protagonistas pelo ponto de partida de cada uma. Então, os capítulos foram ordenados com intuito de orientar essa imersão pela perspectiva delas. Modo que, obviamente, também foi organizado o Índice.

Esse trajeto é desenhado na disposição dos capítulos e conduzem a leitura. Da calçada, **Dona Lourdes** vende o churrasquinho a quem chega. Na entrada, **Cristiane e Neide**, responsáveis pela limpeza de prontidão no pátio externo. Adiante, a passada pelo bar gerenciado por **Fabiola**. Depois, numa das salas próximas, **Antonieta** de prontidão no juizado. Em seguida, hora de visitar as lembranças da arquibancada com **Inês, Fátima e Janaína**. Chegando ao campo, **Diana**. De lá, a visão das cadeiras azuis e o desejo pela maior frequência de **Luana e Mabel**. Como Edvaldo Pereira Lima (2009, p.96) explica, “a narração envolve uma finalidade que ultrapassa meramente informar. Compreende uma reconstrução do real, uma reconstrução em que o emocional-racional e o emocional se equilibrem, em que o real e o imaginário convivem”.

Ao todo, coletei pouco mais de 12 horas de áudios e vídeos de entrevistas delas. Todas foram transcritas integralmente, pois procurei recuperar a informação contida no fôlego, no silêncio, no riso delas. A partir daí, passei a **decupar** o que poderia ou não ser utilizado, considerando a relevância, a repetição de falas e a segurança posterior das entrevistadas. Sempre com a supervisão da orientadora. No geral, pouco foi retirado. Procurei preservar, senão a própria fala, a ideia repassada nelas no meu texto. Por isso, algumas marcas de oralidade foram preservadas, como o uso de “pra”, “tô” e “tu”, com intuito de dar ao leitor mais proximidade a compreensão narrativa da personagem. Depois, o método foi nomear os blocos de texto por assunto e aí ordená-los de acordo como pensei ser interessante escrever cada perfil.

Antes ainda da escrita, outro momento de discussão: decidir o formato para cada personagem. Alguns surgiram antes, outros após as entrevistas. Segui o instinto de acordo com o que julguei mais apropriado desenvolver a história, sensível ao que captei da personalidade de cada uma. Além disso, queria me desafiar. Bem, algumas seguiram o modelo mais conhecido, da Jornada do Herói, outras foram em primeira pessoa, uma em formato de carta e outra adaptada próximo ao formato de roteiro de filme, talvez inédito, sugerido pela orientadora.

O processo de checagem de algumas informações repassadas pelas entrevistadas passou por pesquisas na internet em sites dos clubes Fortaleza e Ceará, e nos principais esportivos, como Globo Esporte, Esportes O Povo, Diário Jogada, UOL Esporte. Além de consultas no livro do PV: Biografia de Uma Paixão - Corpo, Alma e Coração do Estádio Presidente Vargas e pela Secretaria do Esporte e Lazer (Secel) de Fortaleza. Outra parte, muitas trazendo bastidores ainda inéditos na imprensa, se sustentam com o respaldo da memória de quem viveu ou presenciou àquelas histórias, mas sem esquecer o olhar crítico.

[...] Claro que fatos historicamente comprovados podem ser pesquisados e confrontados, mas a versão da fonte pode ser única e exclusiva, em determinadas circunstâncias. Cabe ao autor de jornalismo literário, então, mergulhar no seu assunto com o máximo de honestidade possível para apurar, pesquisar, investigar, comprovar situações. Porém, jamais pode se esquecer que, na maioria das histórias, o fator humanização o leva a procurar contar um caso de acordo com a perspectiva central de seu protagonista e de seus personagens, em princípio. O autor está embarcado numa missão de compreensão. Assim, não lhe interessa, em princípio, a verdade absoluta, isenta e imperial, pois essa, no nível dos seres humanos comuns (quase todos nós) não existe. O que lhe move é compreender um tema a partir das perspectivas dos personagens nele mergulhados. Quando os personagens esposam perspectivas muito diferenciadas, até mesmo conflitantes, é seu papel expor essas múltiplas visões, se possível encontrando um ponto central

que lhe permita colocar tudo em perspectiva maior, englobalizadora. Caso contrário, precisa muitas vezes contentar-se com a multiplicidade de significados, sem fechar questão. (LIMA, 2009, p.392).

Da mesma forma, importante lembrar o viés trazido da história oral para o jornalismo, como explica Marli dos Santos (2009, p.30-31):

[...] chamou-me a atenção na história oral a humanização da história e a democratização das narrativas. A democracia também é um valor fundamental ao jornalismo, tanto que é impossível pensar em uma imprensa livre sem o exercício desse direito social: a liberdade de expressar opiniões. O jornalismo é essencial para revelar os desmandos, as mentiras, as desigualdades, as injustiças, e também as belezas, as verdades, as diferenças. A ciência também. A arte idem. Na história oral pude conhecer “um bom antídoto” (Meihy, 2009) à massificação, à desumanização; o valor dos relatos orais como construção historiográfica alternativa; a democratização da história por meio de relatos de minorias étnicas e sociais; a presença das narrativas do povo contra a hegemonia da história institucionalizada, inclusive na América Latina e no Brasil, [...] No jornalismo, sobretudo na grande reportagem, essas realidades - múltiplas realidades - devem aflorar.

O diálogo com a orientadora foi imprescindível durante o processo de **edição**. Tanto sobre a proposta de texto adequada a personagem quanto no critério de falas propensas a prejudicá-las, especialmente no quesito segurança, considerando o hostil ambiente futebolístico. A exemplo, omitir o time para o qual torcem e conversas de bastidores envolvendo torcidas organizadas. Após a edição da professora, realizei uma revisão final a fim de acertar os últimos detalhes de informação, texto e disposição do conteúdo gráfico. Cada história ocupa, em média, seis a oito páginas.

Cerca de 100 imagens foram feitas pelo fotógrafo, usando câmera profissional. A meu pedido, ele manteve certo distanciamento para evitar qualquer constrangimento às entrevistadas, apesar de autorizada a presença dele. Também o orientei quanto ao foco nas expressões faciais. Nas demais, eu mesma usei um celular de modelo Moto G Plus e um Iphone nos registros de Diana e Dona Lourdes, por exemplo. Parte foram espontâneas e outras posadas. De arquivo pessoal, fotos de Luana, Mabel, Fatima, Fabíola e Diana. As outras, retiradas de portais dos clubes Ceará e Fortaleza, do arquivo do Diário do Nordeste e da Secretaria de Esporte e Lazer de Fortaleza (Secel). Acrescido um mapa do estádio, visto de cima, feito à mão pelo jornalista Alexandre Ferreira, para situar o leitor do espaço onde as tramas ocorrem.

7. EMBALAGEM

O dicionário online de Língua Portuguesa, Priberam, explica o verbo construir como "reunir e dispor metodicamente as partes de um todo; edificar". Portanto, essa foi a palavra-chave na elaboração do projeto gráfico do O Jogo Além da Bola. O jornalista e amigo Alexandre Ferreira é o responsável por ele, pela diagramação, além da ilustração contida.

Figura 1 – Capa do livro “O jogo além da bola”



Figura 4 – Início de capítulo do livro “O jogo além da bola”



DONA LOURDES E O JOGO DA SOBREVIVÊNCIA

Ir ao estádio de futebol vai além da experiência de ver a bola rolar. A história de toda partida começa pelo campo não-gramado do contexto. É lá, à margem dos refletores, onde Dona Lourdes atende torcedores e quem mais por lá passar: nas escadas de acesso ao PV. Há 40 anos trabalhando ali, a única vendedora de lanches e petiscos no local faz do futebol o meio de sustento, apesar de ser indiferente ao esporte em si. Esta, aliás, é a linha que une e separa a rotina dos 75 anos de vida dela com os 79 do estádio mais antigo do Ceará. O peso do tempo e a esperteza da rua a tornam peça de resistência feminina em um espaço tão masculino, como dentro daqueles muros - de onde ela precisou sair, e também fora deles - onde luta para permanecer. Numa segunda-feira de julho, debaixo dos quase diários 30º graus do sol de Fortaleza, ela se preparava, viva no calor do trabalho, para uma nova rodada de um jogo próprio: o da sobrevivência.

Duas horas antes de Floresta x Jacuipense, pela quarta divisão do Brasileiro, Lourdes terminava de arrumar as mesas das comidas, o carvão na churrasqueira e o isopor das bebidas. Os movimentos rápidos e firmes em nada entregavam qualquer aparente fragilidade do corpo franzino, senhor de sete décadas de experiência. Naquele calor, apenas o carrinho de reciclagem usado para carregar o material de vendas descansava na sombra da árvore próxima. Privilégio, para uma trabalhadora, é poder começar e seguir nas próprias lutas. Cachorro quente,

23

Nas sessões, uma fotografia de página completa do lado esquerdo, acompanhada de uma frase marcante da personagem na oposta. Essa página segue o mesmo padrão all type da capa e da contracapa. Dessa vez, trazendo a ideia mais ampla de campo, construída por palavras referentes à história específica de cada uma ao fundo. As 11 personagens recebem cores diferentes, todas dentro da paleta verde, vermelho, azul, amarelo, branco, e tons derivados. Além da referência ao futebol, as quatro últimas cores indicam aquelas usadas na fachada do estádio Presidente Vargas e/ou no interior dele. Isso para lembrar ao leitor a demarcação do espaço ocupado por cada uma delas no contexto futebolístico. Adiante, uma folha lisa na cor escolhida e, à direita, o título do capítulo e o início do texto em si. Por fim, nas orelhas, trechos do livro e uma mini biografia.

8. CONCLUSÃO

O Jogo Além da Bola - Histórias de mulheres no futebol cearense tem 11 protagonistas, mas é um livro que se continua em toda pessoa disposta a arregalar os olhos à empatia. Para mim, fazer Jornalismo passa essencialmente por isso. Desprender de si para emprestar-se ao outro e trazer dali ideias sobre novas realidades, sentimentos, perguntas. Essa foi a grande experiência da caminhada nesse campo. Pude aplicar o conhecimento adquirido na Universidade e nas redações, ciente de que o aprendizado é ininterrupto.

Além disso, trouxe a oportunidade de me redimir com essas histórias que, antes, não havia sido capaz de enxergar, mesmo tão próximas. Lourdes, Cristiane, Neide, Fabíola, Antonieta, Inês, Fátima, Janaína, Diana, Luana e Mabel certamente tornaram-me uma profissional mais humana. Rimos, choramos, ouvimos o silêncio... Vi raiva, desdém, saudade... E, talvez, em certo nível, tenha sentido um pouco disso tudo. Afinal, como reportar sem ser atravessada pela calma ou furacão que é o outro? E assim, elas foram se descobrindo e eu fui igualmente me encontrando nelas. Enquanto o produto nascia nas falas delas e no meu trabalho, eu renascia - como mulher e repórter. Perguntar, ouvir, escrever sedimentou essa troca.

Observando a convivência da sociedade com a estrutura excludente do futebol quando se trata do feminino, mergulhei nas ausências e no raso das presenças para tentar revelar, através dessas figuras, o quanto perde o imaginário popular e as grandes mídias quando dão poucas chances ao olhar mais demorado. Fui surpreendida com vozes determinadas, acima de tudo. As violências atravessam, mas não calam as atuações desse plantel.

Em vista disso, tive uma dimensão maior do quão importante é a atividade jornalística no que concerne a suscitar discussões, mostrar o contraditório e denunciar as arestas - visíveis ou não - responsáveis por tantas desigualdades e invisibilidades em um país. Desse modo, *O Jogo Além da Bola* não é apenas um livro de histórias, é uma oportunidade de questionar, expor, acolher e apontar reflexões sobre o rumo do esporte quanto às minorias. É um livro-respeito.

REFERÊNCIAS

ABEL, João. **Bicha**: homofobia estrutural no futebol. Natal, RN: Editora Primeiro Lugar, 2019.

BARROS, Alan; WELMA, Jéssica. **Na marca do pênalti**: o sonho de ser jogador de futebol. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (org.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.

BRASIL. **Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, seção 1, p. 1, 16 abr. 1941. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 19 out. 2020.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. 2. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

CÂMARA, Ciro; RIBEIRO, Cláudio (ed.); LUIS, Rafael; CAFARDO, Thiago (rep.) **PV biografia de uma paixão**: corpo, alma e coração do estádio Presidente Vargas. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2011.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Editora Cultrix/Pensamento, 1995.

CARVALHO, Beatriz; TAVARES, Karoline. **Passa a bola para elas**: Participação feminina na Gestão do Futebol Brasileiro. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Jornalismo) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

CEDRO, Marcelo. **Bourdieu entra em Campo**: O Futebol como Espaço Autônomo de Interações, disputas, posições e consagrações. Tempos Gerais - Revista de Ciências Sociais e História – UFSJ, n. 6, p. 9-26, 2014. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/temposgerais/article/view/1695/1195>. Acesso em: 19 out. 2020.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (cord.). **Atlas da violência 2020**. Ipea, ago.2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36488&Itemid=432. Acesso em: 19 out. 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. As mulheres do futebol: visibilidade para as mulheres do futebol. **Ludopédio**, maio. 2020. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/as-mulheres-do-futebol-visibilidade/>. Acesso em: 19 out. 2020.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Femininos e masculinos no futebol brasileiro**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-27032006-074510/publico/DOUTORADOJORGEKNIJNIK.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

MORAES, Fabiana. **Decolonizar o jornalismo brasileiro: por uma outra construção do Nordeste**. XV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC), Medellín, Colombia, 2020.

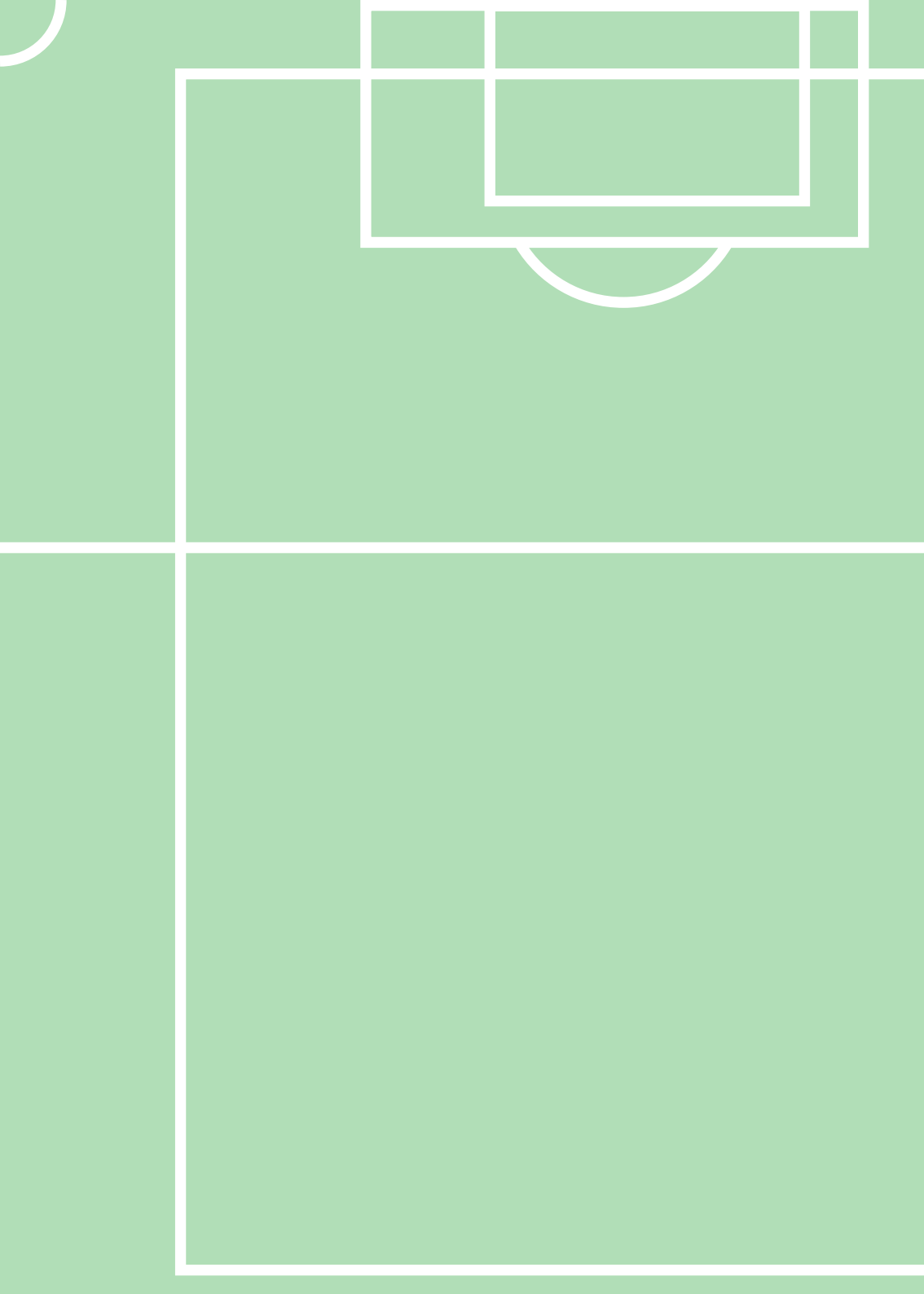
OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2018**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2019. Disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2018/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2018.pdf. Acesso em: 19 out. 2020.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. **Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Bahia, 2006. Anais.

RINALDI, Wilson. Futebol: Manifestação Cultural e Ideologização. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3804/2618>. Acesso em: 19 out. 2020.

SANTOS, Marli dos. **Histórias de vida na grande Reportagem: Um encontro entre Jornalismo e história oral**. Comunicação e Informação, Goiás, v. 12, n. 2, p. 21-32, jul./dez. 2009. Disponível: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/12266/8129>. Acesso em: 19 out. 2020.

MULHERLIBERDADEFUTEBOLDONALOURDESPVSOBRE
EZAFEMINISMOBASTIDORESCRISTIANETRALHOO
NFRENTAMENTOPROTAGONISTALUCINEIDEJOGUESF
RECONCEITOFEMI O NINOFABIOLALANCHONETEOP
ALEVEZAENTREGA O SOLIDARIEDADEANTONIETAV
AOCAMPOVIVÊNCIAINÊS JOGO PAIXÃOALVINE
STUDANTEFUTUR, OUSA DIACASAJANA
ORECONHE CIMENTOARBITRAGEMAMORD
IAHISTÓRI ALÉM AACOLHIDALUANAREPRESENT
DIREITOSTRICOLORBELEZALGBTQI+MABELFORTALEZA
LHER DA LIBERDADEFUTEBOLDONALOURDESPV
EZAFE DA MINISMOBASTIDORESCRISTIANETRA
NFRENTAMENTOPROTAGONISTALUCINEIDEJOGUESF
RECONCEITOFEMININOFABIOLALANCHONETEOPRES
ALEVEZAENTRE BOLA GASOLIDARIEDADEANTO
AOCAMPOVIVÊN CIAINÊSPAIXÃOALVINE
STUDANTEFUTUROOUSADIACASAJANAINALUTACEAR
ORECONHECIMENTOARBITRAGEMAMORDIANAESCOL
IAHISTÓRIAACOLHIDALUANAREPRESENTATIVIDADEF
DIREITOSTRICOLORBELEZALGBTQI+MABELFORTALEZA
ADEFUTEBOLDONALOURDESPVSOBREVIVÊNCIAGOLI
LHISTÓRIAS DE MULHERES NO FUTEBOL CEARENSE F
PEZAFEMINISMOBASTIDORESCRISTIANETRALHOO
NFRENTAMENTOPROTAGONISTALUCINEIDEJOGUESF
RECONCEITOFEMININOFABIOLALANCHONETEOPRES
ALEVEZAENTREGASOLIDARIEDADEANTONIETAVIOLE
AOCAMPOVIVÊNCIAINÊSPAIXÃOALVINEGRAMACHISM
STUDANTEFUTUROOUSADIACASAJANAINALUTACEAR
ORECONHECIMENTOARBITRAGEMAMORDIANAESCOL
IAHISTÓRIAACOLHIDALUANAREPRESENTATIVIDADEF
DIREITOSTRICOLORBELEZALGBTQI+MABELFORTALEZA
MULHERLIBERDADEFUTEBOLDONALOURDESPVSOBRE
EZAFEMINISMOBASTIDORESCRISTIANETRALHOO
RENTAMENTOPROTAGONISTALUCINEIDEJOGUESFOR
EITOFEMININOFABIOLALANCHONETEOPRESSÃOSEGU
REGASOLIDARIEDADEANTONIETAVIOLENCIAPARTICIP
IAINÊSPAIXÃOALVINEGRAMACHISMOGRITOFÁTIMAES
OOUSADIACASAJANAINALUTACEARÁIMPEDIMENTOR
ONHECIMENTO CRISNEIVE SILVEIRA ARBITRAGEMAM
IANAESCOLHASRESISTENCIAHISTÓRIAACOLHIDALUA
REPRESENTATIVIDADEFORÇA INCLUSÃO DIREITOSTRIC
ORCRISBELEZALGBTQI+MABELFORTALEZAARQUIBAN
MULHERLIBERDADEFUTEBOLDONALOURDESPVSOBRE
EZAFEMINISMOBASTIDORESCRISTIANETRALHOO





Livro-reportagem

O JOGO
além da
BOLA

Crisneive Silveira

2020

2020

Todos os direitos reservados.

AUTOR

Crisneive Silveira

CAPA / CONTRACAPA

Alexandre Valério

REVISÃO

Crisneive Silveira

PROJETO GRÁFICO/DIAGRAMAÇÃO

Alexandre Valério

FOTOGRAFIA

Stephan Eilert

Este livro-reportagem foi uma produção de Crisneive Siqueira, então estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC) e foi apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em 30 de outubro de 2020.

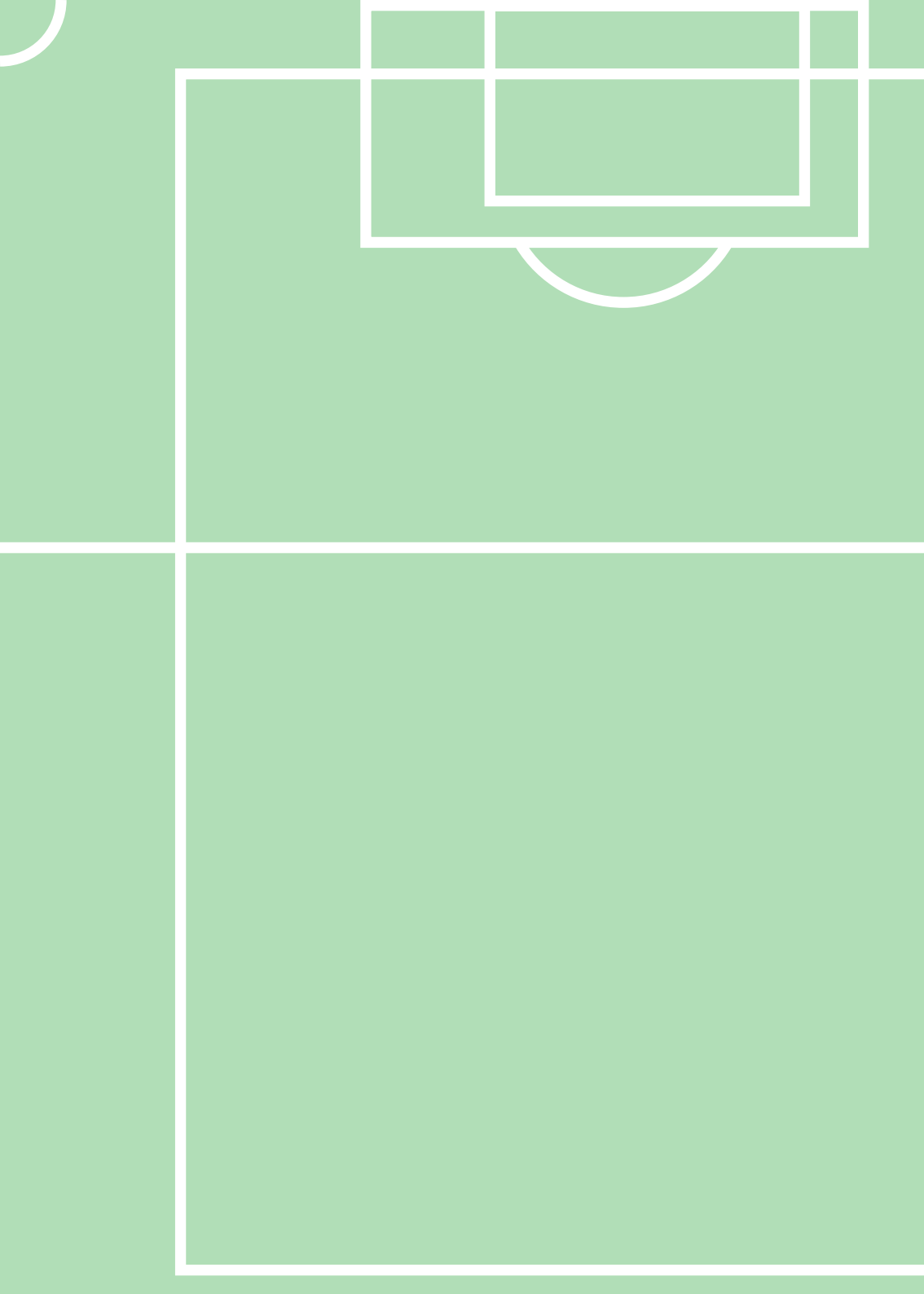
Todas as fotos sem legenda foram tiradas por Stephan Eilert. As imagens em baixa resolução do livro foram cedidas pelos próprios personagens ou obtidas de suas redes sociais, com autorização prévia. Outros casos, colocamos a legenda informando a autoria do material.

2020

SUMÁRIO

O time entra em campo	13
Dona Lourdes e o jogo da sobrevivência	25
Cristiane, a vassoura e o encantamento por Marta.....	39
Neide estudou para a vida	55
Lutas e memórias: fábula e o caixote de refrigerante	71
A liberdade é mulher, antonieta!.....	89
Inês não deixa de ser feliz.....	109
Carta à maria de fátima, mulher de palavra e de batuque.....	127
Janaína, tu lembra a primeira vez que veio ao estádio?	141
Diana deixou o apito para outras.....	157
Com futebol e números, Luana só quer ser quem é	171
Renascer: a metamorfose de	179
Mabel e do Fortaleza	179
O giro do mundo no giro da bola	190
Lista de entrevistadas	194

*À minha mãe, Nereide,
À minha irmã, Crislane,
Às minhas avós, Carminda e Laíde (in memoriam),
obrigada pelo exemplo e por tanto amor.
A todas as mulheres que constroem o futebol.*





O TIME ENTRA EM CAMPO

“Eu acredito que, nas ruas do mundo, o grande desafio é olhar para ver. E olhar para ver é perceber a realidade invisível - ou deliberadamente colocada nas sombras. Olhar para ver é o ato cotidiano de resistência de cada repórter, de cada pessoa.”

- Eliane Brum, O Olho da Rua.

História de futebol nunca é uma história só sobre futebol. Isso porque a ideia de campo ultrapassa as quatro linhas. O campo é a comunidade, a cultura, a política, e tudo mais que se constrói até o pós apito final. A partida é a ponta mais evidente e percebida desse processo, talvez a única. Mas os agentes do espetáculo vão além daqueles vistos na disputa pela vitória.

No estádio, onde sentimentos, conflitos, ideologias e existências se manifestam - ou não -, homens e mulheres convivem numa relação injusta e opressora. Monopolizada pelo masculino - alçado a uma credibilidade incontestável há tempos - a narrativa do esporte silencia e, por vezes, sequer enxerga as atuações femininas inseridas no contexto. O apagamento e/ou o desprezo à figura delas contrapõe o sobrenome dado ao esporte mais popular do mundo. Dizem ser “do povo, da massa”, mas tornar o ambiente inclusivo e democrático para esse público ainda é tabu em 2020.

Mas qual “povo” é esse? Os vários grupos de pessoas e suas plurali-

dades, e ainda as particularidades de cada indivíduo, devem ser igualmente respeitadas e consideradas. À sombra do patriarcado, governos, imprensa e sociedade agridem quando invisibilizam e desacreditam o feminino. Isso num país onde a maioria da população é formada por elas. Essas violências podem ocorrer de maneira sutil ou escancarada, e variam entre físicas, psicológicas, institucionais e de classe.

A conduta foi abalizada no capítulo IX do Decreto-Lei 3.199¹, de 1941, do Conselho Nacional de Desportos (CND), que proibia a participação delas inclusive no futebol. O artigo 54 dispõe: “As mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.” O documento é do governo ditatorial do presidente Getúlio Vargas - nome dado ao cenário deste livro-reportagem.

Assim, por 40 longos anos, o corpo, a presença, bem como qualquer menção a conhecimento delas sobre o assunto foram ostensivamente subjugados, questionados e ignorados. Mesmo após a revogação do decreto, em 1983, os resquícios desse impedimento se arrastam pela contemporaneidade, como na precariedade do apoio à modalidade feminina, na ínfima presença de mulheres nas diretorias de clubes, na pouca atuação como narradoras, comentaristas, repórteres e demais profissionais, e nas tantas torcedoras que desistiram de acompanhar o jogo do time por receio de tanta hostilidade.

Debater esses temas nas diversas camadas esportivas têm provocado algumas mudanças na política de abordagem e inclusão em vários times pelo mundo. O cenário melhorou, contudo o esporte está longe de ser democrático e equitativo. É que ainda são tímidas as discussões sobre machismo, preconceito, lgbtfobia, entre outras. Essa lentidão expõe certa estrutura comprometida com a manutenção do escanteamento das mulheres e demais

¹ Decreto-Lei 3.199 disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm

minorias no arco futebolístico. Por consequência, o desprezo conduz as (ainda) poucas representantes a cargos adjacentes ou de relevância menor nas estruturas de poder do futebol, enquanto homens facilmente ocupam espaços de comando e destaque.

Experimentado como meio onde o valor da vida é ignorado em detrimento do jogo, as arenas refletem bem os abismos sociais de qualquer nação. No Brasil, idem. Em acordo com alguns clubes, a CBF² autorizou o retorno dos campeonatos, apesar dos mais de 140 mil mortos pela pandemia da Covid-19 e dos registros de casos entre atletas e comissões técnicas. A indiferença dos gerentes e cartolas em relação às questões sociais que atravessam o futebol é uma ferida. Em 2018, o Observatório da Discriminação Racial³ registrou 71 casos de preconceito racial, contra lgbts, machismo e xenofobia, a maioria ocorrida em praças esportivas nacionais. As autoridades do campo pouco atuaram para mudar a situação.

O que esperar do país que mata uma mulher a cada duas horas, a maioria negras? Apenas no Ceará, entre 2008 e 2018, a taxa de feminicídio aumentou 278,6%, de acordo com o Atlas da Violência 2020⁴, do Fórum de Segurança Pública. O país é também o maior dizimador de travestis e transexuais no mundo há dez anos, segundo dossiê da Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA)⁵. A grave conjuntura foi refor-

2 Confederação Brasileira de Futebol, entidade máxima de representação da modalidade no país.

3 Observatório da Discriminação Racial no Futebol. Relatório 2018. Disponível em https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2018/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2018.pdf

4 Atlas da Violência 2020, produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/08/atlas-da-violencia-2020.pdf>

5 Dossiê dos Assassinatos e da Violência contra pessoas trans em 2019, publicado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA). Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>

çada através do crescimento de discursos políticos autoritários e pela eleição democrática de um presidente afeito à ditadura e que, sem meandros, ignora e reduz o papel feminino, associando-o a uma “fraquejada”. Logo, é comum encontrar exemplos de desigualdade e segregação social em qualquer trajeto do futebol.

Rumo aos 80 anos, o estádio Presidente Vargas (PV), o mais antigo do estado do Ceará, foi e é testemunha de boa parte dessas vivências. A despeito da marginalização do torcer, do trabalhar e do existir, elas persistem em atuar nesses ambientes, inclusive nos bastidores. Nem sempre sob holofotes, todas dialogam com o torneio, embora lhes seja negado algum protagonismo. Por esse motivo, um time foi escalado para mostrar *O Jogo Além da Bola*.

Onze mulheres envolvidas com o esporte, em vários níveis, rompem a lógica e entram em campo para contar nestas páginas quais caminhos percorrem e o valor disso na vida de cada uma. A partir da calçada, na entrada pela Rua Marechal Deodoro, passando por vestiários, bares, sala do juizado, arquibancada até o centro da cancha, cada capítulo mergulha na engrenagem menos valorizada, mas igualmente responsável pelo funcionamento da festa no gramado.

Em depoimentos carregados de alegria, choro, medo, indiferença e coragem, o plantel foi alçado ao lugar mais adequado: o de protagonistas. Por meio de entrevistas realizadas entre 2019 e 2020, o protocolar ato de perguntar, ouvir, mostrar genuíno interesse nas experiências de cada uma, tornou-se mais um singelo passo no rompimento com o sistema machista, misógino e racista no qual está mergulhada a estrutura futebolística, muitas vezes incapaz de reconhecer sua contribuição na construção daquele cotidiano.

A pluralidade de perspectivas conduz a narrativa pela geografia subterrânea do futebol - trazendo histórias do esporte cearense, além de memórias, desafios e afetos, cada qual exercendo um papel.

Portanto, é fundamental compreender o PV como área de chegada, partida e especialmente de movimento e tensão. Pois, no simples ato de estar no local ou de evitá-lo, as personagens de variadas classes, etnias, raças, credos, orientação sexual e profissões legitimam a própria existência e/ou sobrevivência. Algumas acolhidas, outras rejeitadas e até desafeiçoadas ao ambiente.

Da banquinha nas escadas do PV, dona Lourdes tira o sustento. Cruzando as catracas, Cristiane e Lucineide se dedicam à limpeza do estádio. Perto delas, Fabíola coordena os bares. Já Antonieta zela pela segurança de crianças e adolescentes. Da arquibancada, Inês e Fátima trazem saudosismo enquanto Janaína questiona o presente e luta a favor do futuro. Com o pé no gramado, Diana reconstrói os tempos de apito na mão. O esquadrão se completa com Luana e Mabel que, apesar de amarem os times como quaisquer outras torcedoras, vão a poucos jogos por temerem pela própria vida. Na voz de cada uma, se legitima o elo entre o futebol jogado e o vivido.

A diversidade representada não está somente nos perfis, mas nas experimentações do texto jornalístico. Nessas grandes reportagens, dentre outros modelos, a redação aparece como depoimento em primeira pessoa, numa carta para si mesma ou até em formato alusivo ao roteiro cinematográfico, sempre mesclando informação, literatura e a busca por aproximar o estilo da escrita à personalidade de cada entrevistada. Por essa razão, as marcas de oralidade foram preservadas o máximo possível nas narrativas.

O objetivo do livro é trazer à tona as subjetividades dessa seleção atuante na construção da identidade de uma das maiores manifestações culturais do país. São histórias do passado que recontam o presente e histórias do presente que dão direcionamentos sobre o futuro. E precisamos prestar mais atenção nelas.